



UFSM

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA

ELEANE MARIA TEIXEIRA DE LARA

UFSM/CE/NAEES

**Santa Maria, RS, Brasil
2005**

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA

por

ELEANE MARIA TEIXEIRA DE LARA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em **Psicopedagogia Institucional.**

Santa Maria, RS, Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de Especialização.

Dificuldades de Aprendizagem na Leitura e Escrita

Elaborada por
ELEANE MARIA TEIXEIRA DE LARA

Como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Psicopedagogia Institucional.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Andréa Tonini
(Presidente Orientadora)

Professor Reinoldo Marquezan

Professora Soraia Napoleão Freitas

Santa Maria, Março de 2005.

SUMÁRIO

	RESUMO.....	v
	ABSTRACT.....	vi
1	INTRODUÇÃO.....	01
	1.1 Justificativa e Objetivos.....	01
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	04
	2.1 Uma breve abordagem sobre aprendizagem.....	04
	2.2 Dificuldades de Aprendizagem.....	11
	2.3 A leitura e a Escrita: Processos e dificuldades na sua aquisição.....	17
	2.4 O que o alfabetizador precisa saber.....	28
3	METODOLOGIA.....	30
	3.1 Contextualização da Escola.....	30
	3.2 Caracterização da Pesquisa.....	32
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
	4.1 Análise dos dados das entrevistas com os educadores.....	34
	4.2 Análise dos dados das entrevistas com a equipe diretiva.....	37
5	CONCLUSÕES.....	40
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
7	ANEXOS.....	44

RESUMO

Monografia de Especialização em
Psicopedagogia Institucional
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil
Autora: Eleane Maria Teixeira de Lara
Orientadora: Andréa Tonini
Data e Local da Defesa: Santa Maria, Março de 2005.

O presente trabalho aborda o tema Dificuldades de Aprendizagem na Leitura e Escrita, propondo-se a análise de quais as causas dessas dificuldades e apontando as possíveis soluções para estes problemas. Este tema foi aprofundado com suporte de vários autores e depoimentos de Educadores em relação as maiores dificuldades encontradas em sala de aula, possibilitando-nos possíveis alternativas para estas dificuldades. Para coleta de dados realizamos este trabalho em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, onde foram entrevistados no mês de outubro e novembro no ano de 2004 a equipe diretiva e educadores da 1ª série, utilizando uma entrevista semi-estruturada. A pesquisa foi um estudo de caso e suas considerações finais. Mostram que este tema requer uma busca constante de novos conhecimentos, um comprometimento com a função do professor seu estar no mundo e com a transformação de si e dos outros.

ABSTRACT

The present work approaches the theme Difficulties of Learning in the Reading and Writing, intending the analysis of which the causes of those difficulties and aiming the possible solutions for these problems. This theme was deepened with several authors' support and depositions of Educators in relationship the largest difficulties found in class room, facilitating in the possible alternatives for these difficulties. For collection of data we accomplished this work in a Municipal School of Fundamental Teaching, where they were interviewed the month of October and November in the year of 2004 the team diretiva and educators of the 1st series, using a semi-structured interview. The research was a case study and its considerations finais. Mostram that this theme requests a constant search of new knowledge, a comprometimento with its teacher's function it to be in the world and with the transformation of itself and of the other ones.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Justificativa e Objetivos

Percebemos ao longo da experiência profissional em anos iniciais do Ensino Fundamental, que um grande número de alunos apresentam dificuldade na construção da leitura e escrita.

Muitos estudiosos e pesquisadores tem trabalhado na tentativa de compreender a elaboração do pensamento do ser que aprende, entender como funciona o pensamento da criança quando está aprendendo a ler e a escrever.

Aprender a ler e a escrever vai além da codificação e decodificação de símbolos. Ao ler, o leitor enquadra toda a representação da escrita em seu universo histórico, cultural, pessoal, social. Ao escrever, a criança pode ser encorajada a usar as palavras para dizer o que sente e pensa sem medo dos erros gramaticais. O incentivo à produção deve acontecer em todas as fases da produção da criança e as necessárias correções acontecerão gradativamente, através da interação, da intervenção do docente e do contato com outros materiais. A valorização das produções escritas devem ser constantes, objetivando o aprimoramento da escrita do educando.

O educador que está atento à construção do conhecimento dos seus alunos pode estar sempre em constante investigação. Deverá ter uma atitude basicamente, compreensiva e ativa. Compreensiva, admitindo à criança como ela é, aceitando suas dificuldades e procurando o melhor caminho para ajudá-la. E ativa, elaborando uma orientação adequada que envolva o ambiente escolar e seus métodos.

Toda a criança encontra alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. A leitura e a escrita exigem dela novas habilidades, que não faziam parte de sua vida diária até aquele momento.

A criança ao aprender a ler, precisa começar a concentrar-se no fato de que a linguagem falada consiste de palavras e sentenças separadas. É necessário que ela descubra também que as palavras e sentenças correspondem a essas unidades da fala. Uma outra habilidade que a alfabetização requer da criança é a necessidade de tomar consciência dos fonemas. O fonema é a menor unidade sonora que pode afetar o significado de uma palavra. A consciência dos fonemas é importante para a aprendizagem da leitura do nosso sistema alfabético.

As contribuições de Ferreiro ¹ (1986), partindo da teoria piagetiana, busca novos caminhos para o entendimento da construção da aprendizagem da leitura e da escrita e redimensiona a concepção de dificuldade de aprendizagem ao considerar muitos dos erros freqüentemente cometidos na produção oral e escrita, como hipóteses que a criança elabora na construção do próprio conhecimento.

Nessa perspectiva o conhecimento não se traduz em mera aquisição (memorização), mas em uma construção permanente. Em outras palavras, o sujeito constrói, pensa, pergunta, formula e busca.

Tanto o construtivismo como o interacionismo repensa o processo da leitura e da escrita não como reconhecimento espontâneo de letras, palavras, frases, textos, mas como um processo de compreensão, formulação de pensamento, de idéias, de sentimentos numa fórmula viva de comunicação.

É necessário uma ação participativa para que o educando passe de espectador para ator, de ouvinte para construtor de seu próprio conhecimento, pois a aprendizagem deve ser dinâmica, participativa, voltada para a mobilização do pensamento, como a descoberta, as formulações e as hipóteses dos conceitos, da criatividade, do raciocínio, pois assim, o aluno não só garante o ato

1 Emilia Ferreiro elaborou a teoria da psicogênese da leitura e da escrita objetivando explicar que o desenvolvimento da linguagem escrita acontece em estágios, introduzindo a escrita enquanto processo de construção do sujeito cognoscente (que pensa).

de ler e escrever com mais eficiência, como garante o aprendizado rico em conhecimentos que auxiliam numa atuação construtiva sobre o seu mundo.

Assim, pretendemos com esta pesquisa, buscar conhecimentos teóricos e práticos em relação ao processo de construção de leitura e escrita, a fim de subsidiar os educadores dos anos iniciais do ensino fundamental que atuam no processo de alfabetização, contribuindo assim, em sua práxis pedagógica frente às dificuldades de aprendizagem, sendo esse nosso objetivo geral.

Como objetivos específicos, temos:

- analisar as contribuições teóricas referentes ao processo de leitura e escrita;
- identificar teorias referentes ao processo de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem;
- identificar a opinião dos educadores em relação às dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Uma Breve Abordagem sobre Aprendizagem

A escola defronta-se com alguns problemas que demarcam profundamente o campo e o alcance de sua ação, onde o trabalho pedagógico poderá ter relação direta com as necessidades da vida do educando e sua relação com o mundo.

A educação escolar pode buscar a formação de um indivíduo que não vê o conhecimento apenas como instrumento de manipulação, de controle, de acumulação de riquezas e de poder, mas que faz dele um instrumento de transformação da realidade no sentido de torná-la mais adequada ao ser humano.

Diante desse perfil de indivíduo, cabe ao educador refletir constantemente sobre seus procedimentos e métodos de ensino; pois pode ter clareza sobre porque faz, o que faz e como faz na sua relação com o conhecimento, com o educando, e com a aprendizagem.

De acordo com José e Coelho (2001), a aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo que se expressa diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência.

É comum as pessoas restringirem o conceito de aprendizagem somente aos fenômenos que ocorrem na escola, como resultado do ensino. Entretanto, o termo tem um sentido mais amplo, abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida afetiva e a assimilação de valores culturais. Enfim, a aprendizagem se refere a aspectos funcionais e resulta de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida.

O processo de aprendizagem sofre interferência de vários fatores, tais como: intelectuais, psicomotores, físicos, sociais, emocionais. Para que a aprendizagem provoque uma efetiva mudança de comportamento e amplie cada vez mais o potencial do educando, é necessário que ele perceba a relação entre o que está aprendendo e a sua vida.

O educando precisa ser capaz de reconhecer as situações em que aplicará o novo conhecimento ou habilidade ou seja, aquilo que é ensinado/trabalhado precisa ser significativo para ele.

Para ser significativo, é necessário que a aprendizagem envolva raciocínio, análise, imaginação e o relacionamento entre idéias, coisas e acontecimentos.

É a família quem primeiro proporciona experiências educacionais a criança, no sentido de orientá-la e dirigi-la. Tais experiências resumem-se numa repetição de brincadeiras e atividades que, algumas vezes, é realizado no nível consciente, mas que na maior parte das vezes, acontece sem que os pais tenham consciência de que estão tentando influir sobre o comportamento dos filhos.

Como afirma Lindgren apud José e Coelho (2001), este tipo de aprendizagem e ensino em diferentes níveis de consciência dá-se durante todo o tempo dentro ou fora da escola. Os pais e os educadores estão sempre ensinando simultaneamente em diferentes níveis de consciência, e as crianças estão sempre aprendendo em diferentes níveis as coisas ensinadas ou aprendidas. Conscientemente podem ou não ser importantes e podem ou não se fixar.

Na escola, o educador deve estar sempre atento as etapas do desenvolvimento do educando, colocando-se na posição de facilitador da aprendizagem e calcando seu trabalho no respeito mútuo, na confiança e no afeto.

Como afirma Rogers apud José e Coelho (2001, p. 13) “o professor deverá estabelecer com seus alunos uma relação de ajuda, atento para as atitudes de quem ajuda e para a percepção de quem é ajudado”.

É muito importante que o educador conheça o processo de aprendizagem e esteja interessado nas crianças como seres humanos em desenvolvimento. Ele precisa saber conhecer seus alunos são fora da escola e como são suas famílias.

Quando um educador respeita a dignidade do aluno e trata-o com compreensão e ajuda construtivista, ele desenvolve na criança a capacidade de procurar dentro de si mesma as respostas para os seus problemas, tornando-se responsável e, conseqüentemente, agente do seu próprio processo de aprendizagem.

As características humanas dependem do convívio social. O convívio social cria as condições para o aparecimento da consciência. Por meio da aprendizagem, a criança vai construindo o significado de suas ações e experiências. Com o uso da linguagem os significados ganham maior abrangência, dando origem a conceitos, ou seja, significados partilhados por grande parte do grupo social.

Embora se espere que a criança aprenda muitas outras coisas em seu primeiro ano de escola, a alfabetização é, sem dúvida alguma, o centro das expectativas de pais e educadores.

Uma criança, ao ingressar na escola, já deve saber falar, compreender explicações, reconhecer objetos e formas desenhadas e é capaz de obedecer às ordens complexas. O que muitas vezes os pais e educadores não consideram, é que a leitura e a escrita são habilidades que exigem da criança a atenção a aspectos da linguagem aos quais ela não precisa dar importância, até o momento em que começa a aprender a ler. Por isso, algumas criança encontram

dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. A leitura e a escrita exigem dela novas habilidades, que não faziam parte de sua vida diária até aquele momento.

Segundo Almeida (1995) grandes avanços aconteceram nos últimos anos na área de alfabetização devido a pesquisas e teorias na área do desenvolvimento cognitivo e da função social da escola. Autores como de Jean Piaget, Emilia Ferreiro, Lev Vigotsky, Henry Wallon, Paulo Freire e outros, foram e são significativas.

A teoria de Jean Piaget e seus seguidores, contribuíram muito para a prática pedagógica, principalmente na alfabetização. Piaget corrigiu as distorções que afirmavam haver pré-requisito para a aprendizagem, explicando que a inteligência é fruto de um processo que se enriquece a cada estágio da vida, e que o conhecimento não necessariamente depende da maturação cognitiva.

Dando prosseguimento aos estudos de Jean Piaget, Emilia Ferreiro (1986, 1987), busca novos caminhos para o entendimento da construção da aprendizagem da leitura e da escrita e redimensiona a concepção de problema de aprendizagem ao considerar muitos dos erros freqüentemente cometidos na produção oral e escrita como hipóteses que a criança elabora na construção do próprio conhecimento.

As idéias de Ferreiro também contribuíram para que as escolas possam rever sua atuação frente aos alunos, procurando avaliá-los não em termos de respostas “boas ou más”, mas pelo processo que os leva a tais respostas. A partir do momento em que respeitar a etapa do desenvolvimento na qual os alunos se encontram, e souber trabalhar esse limite, introduzindo propostas de trabalho ricas e desafiadoras, as escolas poderão transformar os “erros” dos alunos em algo construtivo.

Vigotsky (1988) coloca que o desenvolvimento cognitivo das crianças é, inicialmente, determinado por processos biológicos e guiado, subseqüentemente, por interações sociais com adultos, que iniciam e medeiam, das interações sociais, o desenvolvimento das habilidades cognitivas.

À medida que as crianças crescem, internalizam as operações e as construções verbais fornecidas pelos adultos, utilizando-as para dirigir seu próprio pensamento. Este é o caminho por meio do qual formas historicamente determinadas e socialmente organizadas para operar a informação influenciam o conhecimento do indivíduo e a consciência de si e do mundo.

Dessa maneira, as relações entre o processo de desenvolvimento e capacidade de aprendizado, podem ser especificados através de dois níveis de desenvolvimento mental da criança: o nível real, ligado ao que ela consegue fazer por si mesma, e o nível potencial, determinado pela solução de problemas sob a orientação de um adulto ou de companheiro mais capacitado.

À distância entre o nível de desenvolvimento efetivo e o nível de desenvolvimento potencial é chamada zona de desenvolvimento proximal. Por meio dela, podemos dar conta não só dos processos de maturação já completados, mas também dos processos em vias de se desenvolver, demonstrando que o que uma criança pode fazer com assistência hoje, poderá fazer sozinha amanhã.

Se entendermos a aprendizagem como um processo profundamente social, que deve focalizar formas emergentes de aprender, então não se trata mais de propor uma instrução programada, muitas vezes mecanizada e restrita às dificuldades. Trata-se de apostar nas capacidades das crianças, propondo um tipo de trabalho que considere mais suas qualidades do que seus “defeitos”.

Para Piaget como Vigotsky, o indivíduo e o ambiente estão profundamente ligados a construção do processo psicológico. O indivíduo é ativo em seu próprio processo de desenvolvimento, nem está sujeito apenas aos mecanismos de maturação nem está submetido passivamente à imposição do ambiente.

Observando uma criança, vemos que ela aprende a engatinhar, a andar, a correr por si mesma, nunca por meio de lições verbais dos adultos. A vida da criança é uma sucessão de experiências de aprendizagem adquirida por ela mesma. Ao chegar a escola, ela traz consigo infinitas experiências e conhecimentos acumulados, conquistados por meio de exploração visual,

auditiva, jogos, brincadeiras, conversas, passeios, contatos, brinquedos, que influenciarão no processo de aprendizagem.

Segundo Almeida (1995) no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a criança defronta-se com um mundo cheio de atrações e se engajará neste mundo mais facilmente, se puder participar integralmente dele e se o processo for transformado num grande ato lúdico. Quanto mais seguros estiverem os alfabetizadores para dirigir a caminhada dos alunos, quanto mais consciência tiverem da função de animador, dinamizador, desafiador, criador de situações, melhores serão os resultados. O educador deve transformar a sua sala ou espaço num local rico em elementos visuais. A aprendizagem pode ser dinâmica, participativa, envolvente numa variedade de recursos materiais adequados.

Segundo Zóboli (2000, p. 23),

“o acompanhamento do trabalho do aluno é muito importante para orientar e prevenir possíveis erros de raciocínio. O professor deve circular pela classe, observando as crianças enquanto elas trabalham, acompanhando o que eles estão fazendo, observando como estão pensando e as dificuldades que estão encontrando”.

Sempre há aqueles educandos que sentem mais dificuldades na aprendizagem e são justamente eles que não devem ser abandonados, pois necessitam de mais atenção e ajuda dos que os demais.

Para o educando desenvolver as suas potencialidades e alcançar maturidade (intelectual, emocional, social, etc.), o educador e a escola podem permitir que ele expresse livremente os seus interesses, sentimentos, preocupações, idéias e ideais, de maneira que seja respeitado. Segundo Zobóli (2000 , p. 25). “A escola e o educador podem permitir que cada educando se desenvolva, amadureça, de acordo com as suas potencialidades”.

Contribuições de autores da área de conhecimento da Psicopedagogia também estão influenciando nas concepções sobre a aprendizagem e o processo escolar, sendo alguns autores o Jorge Visca (1991), a Sara Pain (1985) e a Beatriz Scoz (1994).

Visca (1991) concebe a aprendizagem como uma construção intrapsíquica com continuidade genética e diferenças evolutivas, resultantes das pré-condições energético-estruturais do sujeito e das circunstâncias do meio.

Para Pain (1985) a aprendizagem depende da articulação de fatores internos e externos ao sujeito. Os internos referem-se ao funcionamento do corpo, considerado como um instrumento responsável pelos automatismos, coordenações e articulações. Os fatores externos são aqueles que dependem das condições do meio que circunda o indivíduo.

Para Scoz (1994) a aprendizagem tem três funções. Uma função socializadora porque, à medida que o indivíduo aprende, ele se submete a um conjunto de normas, identificando-se com o grupo ao qual pertence transformando-se em um ser social. Uma função repressiva, porque pode significar uma forma de controle, com o objetivo de garantir a sobrevivência específica do sistema que rege a sociedade. Uma função transformadora que deve direcionar a atuação dos psicopedagogos, permitindo ao sujeito uma participação na sociedade, não na perspectiva de reproduzi-la, mas de transformá-la.

As dificuldades de aprendizagens são consideradas, pela autora, não como um processo diferente deste, um estado particular de um sistema que, para equilibrar-se precisou adotar um determinado tipo de comportamento que determina o não aprender e que cumpre assim uma função positiva.

Nesse sentido, Scoz (1994) oferece duas valiosas contribuições a Psicopedagogia: a necessidade de se observar à maneira peculiar com que cada sujeito se mantém ignorando e a necessidade de se mudar a concepção de dificuldade de aprendizagem, adotando-se uma visão sem preconceito daqueles que fazem algo diferente do normal.

O ato educativo exige permanentemente reflexões, mudanças, com o intuito de fazer o educando avançar sempre mais.

O grande desafio da escola passa a ser o de construir espaços e metodologias que possibilitem a aprender por prazer, o (re) construir, o criticar e o criar. É preciso privilegiar os espaços/tempos educativos que oportunizem

vivenciar a prática pedagógica verdadeira, democrática, solidária, afetiva, pois se educa muito mais na subjetividade, na congruência, no tipo de relação professor/a e aluno/a, vivenciada pelo exemplo e pelo olhar, com desafio a criatividade e a criticidade.

A intervenção pedagógica deve-se ajustar ao que os alunos conseguem realizar em cada momento de sua aprendizagem, para se constituir verdadeiras ajudas educativas.

Ressalta-se a importância de estar em constante avaliação e aperfeiçoamento na prática pedagógica para oferecer uma educação melhor, um ambiente mais agradável, levando o aluno a construir o seu conhecimento, a ter melhor aprendizagem e mostrando a eles a alegria de viver, de crescer emocional, intelectual e espiritualmente.

Torna-se cada vez mais evidente que é preciso se preocupar com a qualidade do que se propõe às crianças, para que elas possam desenvolver com maior competência suas capacidades. É necessária uma atuação explícita do educador para que as crianças avancem, aprendam e aumentem cada vez mais o seu saber.

A reflexão, a análise e a transformação são componentes dos quais não podemos prescindir, pois definem práticas pedagógicas de qualidade.

2.2 Dificuldades de aprendizagem

De acordo com José e Coelho (2001), as dificuldades de aprendizagem, referem-se às situações difíceis enfrentadas pela criança sem comprometimento cognitivo e pela criança com um desvio no quadro normal mas com expectativa de aprendizagem a longo prazo.

Pela intensidade com que se apresentam os sintomas e comportamentos infantis, pela duração que eles tem na vida escolar e pela participação do lar e da escola nos processos problemáticos, fica difícil para o educador diferenciar um transtorno de uma dificuldade de aprendizagem.

Ao educador cabe detectar as dificuldades de aprendizagem que aparecem em sua sala de aula, principalmente nas escolas mais carentes, e investigar as causas de forma ampla, que abranja os aspectos orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos adicionados à problemática ambiental em que a criança vive. Essa postura facilita o encaminhamento da criança a um especialista que tem condições de orientar o educador e a família.

Muitas crianças são identificadas como portadoras de dificuldades de aprendizagem quando não realizam o que se espera de uma programação de ensino. Seja porque ficam presas a mecanismos que tentam reproduzir sem êxito, seja porque apesar de saberem até mais do que aquilo que o educador está ensinando, faltam-lhes mecanismos para se expressarem.

Na verdade, quando o ato de aprender se apresenta como problemático, é preciso uma avaliação muito mais abrangente e minuciosa. O educador não pode esquecer que o aluno é um ser social com cultura, linguagem e valores específicos, aos quais ele deve estar sempre atento para auxiliar a criança em seu processo de aprender. A criança é um todo e quando apresenta dificuldades de aprendizagem precisa ser avaliada em seus vários aspectos. Moojen (1999), considera as dificuldades de aprendizagem em duas categorias: as naturais ou de percurso e as secundárias.

Em relação as naturais ou de percurso, Moojen (1999, p. 1 – 2), menciona que, “em qualquer sala de aula existem alunos que, por diferentes motivos, não acompanham seus pares, independentemente do nível de complexidade dos conteúdos ou da metodologia utilizada naquele contexto específico.”

Os fatores causadores dessas dificuldades podem ser relacionados a aspectos evolutivos ou serem decorrentes de inadequadas metodologias, de padrões de exigência da escola, de falta de assiduidade do educando e de

conflitos familiares eventuais. Frequentemente, é o trabalho pedagógico complementar auxilia para uma solução satisfatória dessas dificuldades.

Também estariam incluídos nesta categoria os problemas que os alunos apresentam na 1ª e/ou na 2ª série e que ainda não foram identificados como “transtornos de aprendizagem”, já que esse diagnóstico requer certa persistência da dificuldade.

Em relação as dificuldades secundárias, Moojen (1999) comenta que são consequência de outros quadros que podem ser bem detectados que atuam primariamente sobre o desenvolvimento humano normal e secundariamente sobre as aprendizagens específicas. Nesta subcategoria estão incluídos os portadores de deficiência mental, sensorial, e aqueles com quadros neurológicos mais graves ou com transtornos emocionais significativos.

Nesta ótica, cabe ao educador constatar as dificuldades de aprendizagem que aparecem em sua sala de aula, e investigar as possíveis causas de forma mais ampla.

Scoz (1994) cita alguns fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem, sendo eles:

- Escola:

Além da instituição escola, estão incluídos neste item os fatores intra-escolares como inadequação de currículos, de programas, de sistema de avaliação, de métodos de ensino e relacionamento professor/aluno.

O objetivo a que a escola se propõe, qual seja, a integração da criança na sociedade, está cada vez mais esquecido. A escola está se tornando muito elitizante, pois exclui as crianças que tem menos facilidade de aprender, e são essas que mais precisariam de apoio escolar.

Muitos educadores continuam usando material de ensino desestimulante, desatualizado, totalmente desprovidos de significado para muitas crianças, sem levar em consideração suas diferenças individuais.

A falta de estímulo necessário à alfabetização é muitas vezes vista como culpa dos educandos. Em vez de procurar os “culpados”, o educador deve antes de mais nada, promover e desenvolver suas capacidades levando os educandos a sentirem a necessidade de valorizar os instrumentos da cultura e valorizar as atividades que se relacionam com ela.

O relacionamento educador/educando assume também um caráter fundamental no processo ensino-aprendizagem. As classes superlotadas podem dificultar as relações entre o educador e sua classe, fica difícil para o educador saber as particularidades de cada educando.

Porém, a escola não é a única que deve ser responsabilizada pelas dificuldades dos educandos. Segundo Oliveira (1992, p. 140) “Alguns alunos vem para as escolas com diversos déficits, com níveis de maturidade desiguais ou inferiores ao que se espera em sua idade cronológica”.

Muitos trazem uma bagagem cultural, social, neurológica muito defasada em relação aos seus companheiros e isto se constitui em desvantagens para a aprendizagem da leitura, escrita e cálculo.

- Fatores intelectuais ou cognitivos.

O educando que possui alguns problemas em seu organismo pode apresentar maior dificuldade em assimilar os conceitos transmitidos. A falta de atenção e concentração é outro fator de impedimento na aprendizagem.

- Déficits físicos ou sensoriais

Uma criança que não ouve ou não enxerga bem pode apresentar mais dificuldades em acompanhar o ritmo dos colegas, necessitando de uma metodologia diferenciada para superar suas limitações sensoriais.

Se, a criança vê e enxerga bem, mas não consegue discriminar bem os sons, as formas, ou não consegue coordenar a visão para um determinado ponto quando lê, deve receber o auxílio do educador. O mesmo pode ocorrer se

apresentar algumas alterações neurológicas, é necessário então um acompanhamento médico e métodos de ensino adequados.

- Desenvolvimento da Linguagem

As trocas de informações entre pais e filhos são muitas vezes escassas e a linguagem oral da criança torna-se cada vez mais limitada e pobre, defasada em relação a das outras crianças. Quando for aprender a ler e a escrever pode apresentar mais dificuldade.

- Fatores Afetivo-Emocionais

Existe uma grande influência dos fatores afetivo-emocionais na vida do ser humano como, por exemplo: brigas, discussões com efeitos momentâneos, entre outros.

Fatores afetivos são mais duradouros e podem interferir no processo ensino/aprendizagem, como é o caso da “antipatia” que um educando possui pelo educador ou pela matéria a ser ensinada. Para muitas crianças, a experiência escolar tem grande influência na imagem que fazem de si mesmas.

Muitas crianças acabam apresentando falta de segurança e interesse pela escola. As relações entre pais e filhos podem ser apontadas como uma das causas da dificuldade da criança, tanto na escola, como na sociedade em geral.

Muitos transtornos afetivos são provenientes de um lar onde existe uma inadequação de comunicação entre seus membros. Pais excessivamente severos nas punições, nas exigências podem provocar uma diminuição na auto-imagem e o medo de fracassar, a mãe realizando as tarefas dos filhos, também diminui sua capacidade de raciocinar.

A incapacidade dos pais de demonstrar afeto e carinho por seus filhos, pode fazer com que eles se retraiam com as outras pessoas.

Quando as famílias incentivam seus filhos nas suas atividades, compreendem seus pequenos fracassos e os encorajam para progredir, os filhos se sentem fortes para enfrentarem suas dificuldades.

- Fatores Ambientais

Na época da formação dos neurônios, uma privação alimentar pode acarretar prejuízos ao organismo da criança. A saúde é outro fator que pode interferir na assimilação de conhecimentos do educando na escola, problemas respiratórios, alergias, traumas e também o funcionamento glandular.

- Diferenças culturais e/ou sociais

Muitas crianças antes de iniciarem as aprendizagens não tiveram nenhum contato com objetos da cultura predominante e no ambiente escolar, não foram estimuladas para aprender qualquer coisa, encontram mais dificuldade na sua aprendizagem. Com isto, a escola privilegia algumas classes, deixando-as menos favorecidas de lado.

- Deficiências não verbais

As aprendizagens não-verbais mais significativas são: coordenação global, esquema corporal, lateralidade, organização espaço-temporal, discriminação visual e auditiva. Esses são os fatores de maior importância como base para as aprendizagens escolares.

A leitura e a escrita exigem uma percepção temporal e um simbolismo. É necessário que exista uma sucessão de sons em um tempo, diferenciação de sons, reconhecimento das frequências e das durações de sons na palavra, conceitos de tempo.

Morais (1986, p. 24) afirma que: “a aprendizagem da leitura envolve diversas habilidades como as lingüísticas, perceptivas, motoras, cognitivas e por esta razão não se pode atribuir a nenhuma delas isoladamente a responsabilidade pelas desadaptações da criança na escola”.

Por isso o educador deve buscar alternativas e novas idéias, através de uma constante investigação, porque o ensino tem que estar voltado as necessidades e anseios de cada educando.

2.3 A leitura e a escrita: processos e dificuldades na sua aquisição

Segundo Citoler e Sanz apud Bautista (1997, p. 111),

a tipologia dos educandos que podem apresentar necessidades educacionais especiais no contexto da aquisição de capacidades básicas, como são a leitura e a escrita, é diversa. Encontramos crianças que, por terem algum tipo de deficiência, necessitam de sistemas de ensino e de materiais adaptados para poderem realizar este tipo de aprendizagem. É o caso de crianças com déficits visuais, auditivos, motores, que não têm associados outros tipos de deficiências. Encontramos também educandos com deficiência mental, que necessitam sistemas de ensino mais lentos, tendo em conta a limitação das suas capacidades cognitivas, o que seria comum para todos os conteúdos académicos. Por último, deparamo-nos com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem escolares numa ou várias matérias. Essas crianças atingem apenas níveis educativos abaixo da sua idade e das suas possibilidades intelectuais.

As dificuldades de aprendizagem na área da linguagem escrita podem apresentar-se isoladas nos primeiros anos de escolaridade, mas será difícil que, ao ir avançando academicamente, não tenham repercussões noutras áreas.

A leitura e a escrita são uma aquisição fundamental para as aprendizagens posteriores, já que, na escola a fase inicial do aprender a ler e escrever deve transformar-se rapidamente no ler e escrever para aprender.

Assim, estas capacidades passam a ser um meio de aprendizagem em lugar de um fim em si mesma. Os problemas específicos na sua aquisição são um obstáculo para o progresso escolar das crianças e tem efeitos a longo prazo, não só no desenvolvimento das capacidades cognitivas como também nas sociais, afetivas e motivacionais.

No processo de aquisição da leitura e escrita influem fatores intrapessoais, relativos do sujeito que aprende (as capacidades cognitivas, a

personalidade, estratégias de aprendizagem, a motivação, etc..) inter-pessoais, relativos às situações de ensino/aprendizagem (as características do educador, os estilos de ensino, as interações aluno-aluno e aluno-professor, etc) e contextuais (o contexto educativo, familiar, etc.).

Segundo Citoler e Sanz apud Bautista (1999, p. 116),

numa perspectiva cognitiva, a leitura é considerada como uma atividade complexa composta por uma série de processos psicológicos de diferentes níveis que, começando por um estímulo visual, permitem, através de uma atuação global e coordenada, a compreensão do texto. Embora estes processos sejam múltiplos, são agrupados em dois grandes grupos: os que intervêm no reconhecimento das palavras, são aqueles que traduzem a letra impressa para a linguagem falada e os que intervêm na compreensão de uma frase ou texto tem como finalidade captar a mensagem ou a informação que nos proporcionam os textos escritos.

O reconhecimento de palavras e compreensão, são necessárias e de modo algum se pode pensar que sejam dois processos antagônicos. Eles atuam em paralelo.

Dificuldades de Leitura

Segundo José e Coelho (2001, p 83), a criança pode manifestar comportamentos em relação as dificuldades em três momentos:

- Manifestações precoces (anteriores a alfabetização);
- Manifestação na alfabetização (aquisição da leitura);
- Manifestação posterior à alfabetização (referentes ao desenvolvimento da leitura)

Já na pré-escola, pode-se observar manifestações precoces de dificuldades futuras para leituras.

- Dificuldade de memorizar canções;

- Dificuldade na consciência fonológica (descoberta e generalização de sons)

Na etapa da alfabetização as dificuldades de leitura aparecem como impedimento em pensar sobre os sons da língua. Outra dificuldade, pode ser a de associar as letras em sílabas e palavras.

Na investigação das causas das dificuldades pertencentes a esta fase, deve-se prestar atenção à capacidade auditiva, as habilidades visuais e a existência de sinais depressivos ou fóbicos que podem se ligar à inadequação ao lidar com o conflito edípico.

Em relação aos conflitos emocionais, costuma-se salientar que a entrada na fase da latência, que proporciona um equilíbrio entre funções cognitivas e pulsões de inconsciente, facilita o aprendizado da leitura e de outras habilidades ligadas à escola.

Ainda conforme José e Coelho (2001, p 85),

se a causa estiver relacionada à dificuldade de discriminação auditiva, alguns sons de consoantes, que encontram-se acusticamente próximos e que diferem apenas pelo ponto de articulação dos mesmos, vão ser confundidos. Na leitura as trocas deste tipo mais freqüentes são entre consoantes sonoras (vibração das cordas vocais) e consoantes surdas (ausência de vibração nas cordas vocais).

Exemplo: V/F/B/P/D/T G/C.

As vogais orais e nasais também podem ser confundidos.

Ex: (NA/A) Anta por ata

/EM/ /E/ então por eta; /IN/ // interior por iterior.

Muitas vezes as trocas que se relacionam a discriminação auditiva, aparecem mais na escrita do que na leitura.

Se a dificuldade envolver a discriminação visual, alguns fatores são importantes e devem ser verificados: acuidade visual, conceitos de em cima, embaixo, direita e esquerda.

Para a leitura, esses conceitos são importantes porque permitem distinguir as letras: V e N; P e B; P e Q; B e D.

Com relação à fase de desenvolvimento da leitura, as manifestações mais frequentes dizem respeito à falta de qualidade da leitura, não existe fluência, sílabas e palavras são repetidas, acontecem vacilações, aparecem falhas na decodificação, gerando omissões, acréscimos, repetições e inversões. Esses problemas, geralmente aparecem por meio da dificuldade para associar fonemas e grafemas.

Segundo Johnson e Myklebust apud José e Coelho (2001), a criança com dificuldades na leitura pode apresentar algumas características:

- Memória: a criança apresenta dificuldade auditiva e visual de reter informações. Ela pode ser incapaz de recordar os sons das letras, juntar os sons para formar palavras ou ainda de memorizar seqüências, não consegue lembrar a ordem das letras ou sons dentro das palavras.

- Esquema corporal – geralmente as crianças com dificuldade de leitura tem um conhecimento deficiente de seu esquema corporal. Apresentam dificuldades para identificar as partes do corpo e não revelam boa organização da postura corporal no espaço em que vivem.

- Motricidade – algumas crianças tem distúrbios secundários de coordenação motora ampla e fina, o que atrapalha seu equilíbrio e sua destreza manual. Elas caem com facilidade, não conseguem manipular peças pequenas do material pedagógico.

- Dificuldade na leitura oral – a leitura oral abrange tanto a visão quanto à audição das crianças, pois ela precisa perceber as informações que seu cérebro processará. Se um dos canais não estiverem funcionando bem a criança apresentará dificuldade na leitura, devido as dificuldades de percepção visual ou auditiva.

- Dificuldade na leitura silenciosa:

Leitura silenciosa é o ato de ler frente a uma estimulação escrita, mantendo o corpo na mesma posição, sem movimentar os lábios usando apenas os olhos.

As dificuldades mais comuns nesse tipo de leitura são:

- lentidão no ler, acompanhada de dispersão;
- leitura subvocal (cochichada).
- Necessidade de apontar as palavras com lápis, régua ou dedo;
- Perda da linha durante a leitura.

- Dificuldades de escrita

Segundo José e Coelho (2001, p 93), “a escrita aparece como elo entre o discurso interno, permeado pela atividade, e um externo, que se constitui na representação gráfica da linguagem por meio de signos convencionais, sistemáticos e identificáveis”.

Segundo José e Coelho (2001, p 94) “considerando o que comentamos, podemos pressupor o envolvimento de quatro fatores básicos no ato de escrever: psicomotricidade, função simbólica, linguagem e afetividade”.

A psicomotricidade, por meio da maturação do sistema nervoso, do desenvolvimento da tonicidade, da coordenação de movimentos e do desenvolvimento da motricidade fina, contribui para aquisição da escrita. Quando um destes fatores apresenta defasagem, pode-se observar dificuldades na escrita.

A postura inadequada, trás consigo uma escrita disforme, aqui devemos considerar os canhotos, que devem receber uma orientação especial quanto a maneira de colocar o papel no campo esquerdo inclinado para a esquerda, a mão deve ser colocada abaixo da linha para a escrita e o corpo ligeiramente inclinado para frente.

Apreensão do lápis inadequada fornece como resultado pouca qualidade na forma de letra. Isto aparece no tamanho da letra e na irregularidade dos traçados. Problemas de apreensão causam dificuldades para visualizar o que está sendo escrito e fadiga muscular da mão. O lápis deve ser segurado entre os dedos médio, indicador e polegar, com a mão entreaberta. Os dedos devem estar a uns 2 cm da ponta do lápis. O lápis deve ser seguro inclinadamente em relação ao papel.

A pressão inadequada do lápis sobre o papel causa letras quase transparentes, e outras vezes tão marcantes que quase rasgam o papel. Este fator pode estar, também, regulado pelo estado emocional de quem escreve.

A condição do estabelecimento do freio inibitório (coordenar e frear movimentos) e de desenvoltura dos traçados, que implicam na velocidade adequada da escrita, podem também aparecer como dificuldades da escrita.

O desenvolvimento da linguagem é essencial para que se observe um domínio adequado da capacidade de escrever, visto que a escrita aparece como forma de registro da linguagem oral. Um vocabulário pobre ao falar limita as possibilidades léxicas ao escrever.

Quanto à afetividade, se a criança não apresentar um relacionamento familiar, escolar e social adequado, provavelmente, não terá interesse em aprender a escrever, pois a capacidade de comunicar-se pode estar impedida por conflitos do mundo interno.

O componente emocional estruturado pela falta de maturidade emocional e por transtornos de comunicação, aparece na qualidade da letra, pelo controle do movimento gráfico, que confere regularidade à escrita. Na ortografia, essa dificuldade aparece na separação exagerada entre palavras ou na sua união. A produção textual tende a ser pobre, tanto lexicalmente como em relação à sintaxe e ao conteúdo quando estamos diante de problemas da afetividade.

Quando enfocamos a questão das dificuldades de escrita como um todo, cumpre-se ressaltar que, muitas vezes, as escolas não respeitam os erros naturais e construtivos inerentes a aprendizagem da leitura e da escrita. Nota-se por parte de algumas escolas e de alguns pais, uma preocupação excessiva com

normas e convenções, já na fase inicial do processo de aprendizagem. Este fator impede a descoberta da escrita como um meio privilegiado de relacionar-se consigo mesmo e com os outros. As normas e convenções são necessárias e devem ser ensinadas na escola, porém, no seu devido tempo. Na fase inicial de aprendizagem, a ênfase deve ser na coerência de coesão textual, para mais tarde deslocar-se para as convenções gráficas e ortográficas.

Os “erros” tendem a desaparecer com o avanço do processo de aprendizagem e com o contato freqüente com a leitura. Já a troca das consoantes surdas e sonoras, deve ser considerada com cuidado, podendo indicar alterações auditivas ou proprioceptivas e não apenas como uma etapa, que tende a desaparecer com a evolução do processo.

No que se refere à forma de colocar a mensagem na página, observamos que alguns crianças encontram dificuldades, não obedecendo linhas, margens, espaçamento entre palavras, linhas e parágrafos, ou, seja, não realizando uma coopaginação adequada.

Desta forma, ficam prejudicadas a produção textual, a estruturação dos parágrafos, a seqüência de idéias, a pontuação e a cópia. Geralmente estas dificuldades aparecem em conjunto com dificuldades de leitura e de matemática.

Para diagnosticar problemas de expressão escrita, esta habilidade deve encontrar-se acentuadamente em dissonância com a idade cronológica, a escolaridade e a inteligência de quem escreve.

Dificuldades na Leitura – Dislexia

Segundo Citoler apud Cruz (1999, p 154), “a tipologia de indivíduos que podem apresentar dificuldades na aquisição da leitura é diversificada e pode levar a confusões. Uma primeira tarefa é distinguir o que são problemas de aprendizagem da leitura gerais e específicas”.

As dificuldades gerais de aprendizagem da leitura resultam tanto de fatores exteriores ao indivíduo como de fatores inerentes a ele, no caso de se tratarem de algumas deficiências. Assim, os fatores extrínsecos podem envolver situações adversas a aprendizagem normal da leitura tais como: organização, ausência ou abandono escolar, relações familiares e sociais perturbadas, meio socioeconômico e cultural desfavorecido, falta de oportunidades adequadas para a aprendizagem.

Os fatores inerentes ao indivíduo que podem prejudicar a aprendizagem normal da leitura referem-se a presença de uma ou mais deficiências declaradas, como é o caso de deficiências sensoriais, da deficiência mental e das deficiências físicas e motoras.

Deste modo, estes indivíduos necessitando de sistemas de ensino e materiais especialmente adaptados, não revelam dificuldades específicas de leitura, mas sim uma particularidade dessa aprendizagem em função das suas características pessoais.

As dificuldades específicas de aprendizagem da leitura situam-se em nível cognitivo e neurológico, quando o indivíduo reúne condições favoráveis para a aprendizagem da leitura e mesmo assim manifesta inesperadas dificuldades severas de aprendizagem, então tem dificuldades específicas de leitura.

As dificuldades específicas de leitura também denominada de dislexia é classificado por Citoler apud Cruz (1999, p. 157) em dois tipos: dislexia adquirida e dislexia evolutiva ou desenvolvimental.

As dislexias adquiridas são as que caracterizam as pessoas que tendo previamente sido leitores competentes perdem essa habilidade como consequência de uma lesão cerebral.

As dislexias evolutivas ou desenvolvimentais manifestam-se por uma deficiência grave na aprendizagem da leitura, de tal modo que os indivíduos disléxicos têm dificuldade para aprender a ler, apesar de não existir uma lesão cerebral (pelo menos conhecida), estarmos na presença de uma inteligência normal, e estarem excluídos outros problemas, tais como alterações emocionais

severas, contextos sócio cultural desfavorecido, carência de oportunidades educativas adequadas ou desenvolvimento insuficiente da linguagem oral.

Dificuldades na Escrita:

Disgrafia e Disortografia

Uma vez que a maior parte das dificuldades ao nível da escrita se devem a deficiências nos processos motores de execução do traço (Casas apud Cruz, 1999), começaremos esta abordagem com uma referência as dificuldades da escrita, isto é, a disgrafia.

Mais recentemente, Citoler e Sanz (1997) sugere uma classificação que faz distinção entre disgrafias adquiridas e disgrafias evolutivas ou desenvolvimentais. Assim, enquanto nas disgrafias desenvolvimentais existe uma dificuldade na aquisição da escrita sem que exista uma razão aparente, nas disgrafias adquiridas os indivíduos, depois de terem aprendido a escrever de modo adequado, perdem essa habilidade num maior ou menor grau como consequência de uma lesão neurológica.

Começando com as disgrafias adquiridas, Citoler apud Cruz (1999, p. 183), subdivide essas em disgrafia adquirida central, quando uma ou ambas as vias de acesso léxico estão afectadas, correspondentes consequências na produção escrita das palavras e disgrafia adquirida periférica, que se refere às dificuldades nos processos motores (da escrita) posteriores à recuperação léxica das palavras.

Assim, para Citoler apud Cruz (1999, p. 183), a disgrafia adquirida central pode ser: fonológica, quando os transtornos são na via fonológica ou indireta; superficial, quando os transtornos são na via ortográfica ou direta; profunda, quando os transtornos ocorrem em ambas as vias; e semântica, quando se escreve sem se compreender o significado do que se escreve.

As disgrafias desenvolvimentais ou evolutivas, que são as que mais nos interessam como dificuldades de aprendizagem, Citoler apud Cruz (1999, p. 184) refere-nos que elas dizem respeito às dificuldades na aprendizagem inicial da escrita e que ocorrem na ausência de uma razão objetiva para isso.

Isto é, apesar de os alunos terem tido uma escolarização adequada, terem uma capacidade intelectual normal, um ambiente familiar sem problemas, um desenvolvimento emocional sem bloqueios e processos perceptivos e motores corretos, manifestam dificuldades na aprendizagem da escrita.

Assim, para Citoler apud Cruz (1999, p. 184) “nas disgrafias desenvolvimentais podem ser encontrados diferentes tipos de disgrafias, que são a: superficial, quando há dificuldade na aquisição da via ortografia ou direta; fonológica, quando há dificuldades na aquisição da via fonológica ou indireta; e mista, quando há dificuldade na aquisição de ambas as vias”.

Casas apud Cruz (1999, p. 186), sugere que nos educandos com disgrafias podem-se encontrar as seguintes dificuldades ou manifestações:

- Falhas no traçado de letra, tornando-as ilegíveis, indiferenciação entre letras maiúsculas e minúsculas, escrita em espelho de determinadas letras, números e palavras.

- Traçado de determinadas letras e números de baixo para cima.

- Irregularidades no espaçamento das letras, palavras e linhas.

- Ausência total ou má conservação das margens.

- Traçado de má qualidade, tamanho grande ou pequeno, letras irregulares.

Disortografias

Fonseca apud Cruz (1999, p. 187),

sugere que a disortografia “ocorre quando o indivíduo apresenta perturbações nas operações cognitivas de formulação e sintaxe, em que o indivíduo, apesar de comunicar oralmente, de poder copiar e revisualizar palavras e de conseguir escrevê-las quando ditadas, não consegue organizar nem expressar os seus pensamentos segundo regras gramaticais”.

Para que um indivíduo possa ser considerado disortográfico deve cometer um grande número de faltas, que podem ser originados por diversos motivos: alterações na linguagem, erros na percepção, falhas na atenção e na aprendizagem da leitura e da escrita.

Dentro desta área estão as falhas originadas por uma alteração específica da linguagem, que é a disartrias. Essa envolve um problema de controle motor no ato da articulação. Outra dificuldade é a dislalia, a qual pode ser considerada como anomalia da pronúncia produzida por uma dificuldade funcional ou orgânica para emitir o som das consoantes, em que ocorrem omissões ou substituições de um som por outro.

É importante referir que a aprendizagem da leitura e da escrita deve ser vista como elemento de um sistema mais vasto de comunicação, ou seja, estas aprendizagens não constituem um fim em si mesmo, sendo sim instrumentos que vão permitir melhorar o sistema lingüístico e comunicativo do indivíduo, proporcionando-lhe também a chave de acesso a outras aprendizagens.

Citoler apud Cruz (1999, p. 188) aponta os seguintes fatores potencialmente justificadores das dificuldades disortográficas.

- Problemas na produção do texto por falta de automatização dos procedimentos da escrita de palavras, os quais podem interferir com a geração das frases e idéias.

- As estratégias utilizadas no que se refere aos diferentes processos (de composição escrita) são imaturos ou ineficazes.

- Falta de conhecimento sobre os processos e subprocessos implicados na escrita ou dificuldade para aceder a eles o que implica uma carência nas capacidades metacognitivas de regulação e controle da atividade.

Por isso o educador precisa estar sempre em constante investigação, tornando sua prática pedagógica adequada as necessidades do educando.

2.4 O que o alfabetizador precisa saber

Preciso conhecer o que cada criança já aprendeu nas suas experiências vividas nos anos anteriores escolares e no âmbito familiar através de um trabalho integrado entre família e escola..

Para Ferreiro (1987) só a partir desse conhecimento é que será possível programar e oferecer atividades que permitam as crianças continuarem pensando e aprendendo.

Na perspectiva construtivista, o educando é ponto de partida para todo o processo de alfabetização. O educador alfabetizador precisa conhecer o estágio cognitivo, os níveis conceituais de escrita e leitura, estágio em que as funções mentais estão se formando, que representa a distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial.

Precisa saber também quais possibilidades/limitações essas crianças apresentam no desenvolvimento psicomotor, psico-afetivo e social. É importante que o educador conheça a história do educando, buscando sua identidade pessoal. Qualquer diagnóstico do educando, deve ser feito dentro dos aspectos pedagógicos, cognitivos e emocionais.

Para Ferreiro (1986), o importante é compreender o desenvolvimento das idéias da criança sobre a escrita como um processo evolutivo.

O educador pode sempre interpretar a produção gráfica das crianças de maneira positiva.

Quando um educador aprende a interpretar essas produções, aprende também a respeitar o produtor (o educando). Aprende a respeitar essa criança que lhe está mostrando, por meio de suas produções, os esforços que está fazendo para compreender o sistema alfabético da escrita. E que na verdade, não tem nada de simples nem de evidente. É preciso alterar a didática para que essa se adapte ao nível psicogenético dos educandos.

Propiciar aos educandos uma aprendizagem significativa e não meramente mecânica, organizando e estabelecendo atividades e situações para que sejam realizadas pelos educandos de uma forma significativa, ou seja, trabalhos que levem em consideração seus conhecimentos prévios e que despertem o seu interesse em aprender significativamente, é uma forma de contribuir com o processo de aquisição da leitura e escrita.

3. METODOLOGIA

3.1 Contextualização da Escola

A Escola de Ensino Fundamental escolhida para esta pesquisa, pertence à rede municipal de ensino de Caçapava do Sul, RS, e está situada na periferia da Vila Pró-Morar, saída para Lavras do Sul – RS 158.

A escola recebe um alunado de aproximadamente 230 (duzentos e trinta) pessoas, vindo de diferentes bairros da cidade de Caçapava do Sul por meio do transporte escolar. Funciona também no mesmo prédio, a Casa da Criança, dando oportunidade para as crianças freqüentarem no horário inverso, aulas de reforço, esporte, artesanato e várias outras atividades.

Atualmente a escola tem um corpo docente de 27 (vinte e sete) professores, sendo 7 (sete) com formação no ensino médio (magistério), e 20 (vinte) com formação no ensino superior, sendo 2 (duas) formadas em Letras, 2 (duas) em Estudos Sociais, 1 (uma) em Educação Física, 1 (uma) em Educação Especial, 1 (uma) em Ciências Biológicas, 1(uma) em Psicologia e 12 (doze) em Pedagogia.

Dispõe de 2 (duas) funcionárias, 1 (um) diretor, 2 (duas) supervisora. Em termos de turmas é constituída de 1 (uma) turma de Educação Infantil, 2 (duas) turmas de 2ª série, 2 (duas) turmas de 3ª série, 2(duas) turmas de 4ª série, 2(duas) turmas de 5ª série e 1(uma) turma de 6ª série, com funcionamento nos

dois turnos (manhã e tarde). Em relação ao espaço físico tem 6 (seis) salas de aula, 1(uma) secretaria, 1 (um) refeitório, 1(uma) cozinha, 1(uma) dispensa, 1 (um) salão de reuniões, 1 (uma) biblioteca e 4(quatro) banheiros. As salas apresentam grande espaço físico com uma boa luminosidade.

A religião predominante pela maioria dos alunos é a católica.

As turmas são heterogêneas, apresentando grande variação de idade. A meta da escola é fazer com que o aluno permaneça na escola, diminuindo assim o alto índice de evasão escolar.

A comunidade que a escola está inserida é de famílias de nível sócio econômico baixo, o grau de escolaridade também é baixo, sendo a maioria dos pais analfabetos. Alguns pais estão empregados e outros são desempregados.

A escola está desenvolvendo alguns projetos que foram elaborados partindo das necessidades da escola, sendo que os temas são: auto-estima, saúde e segurança para o trânsito.

Todos os projetos estão sendo desenvolvidos com muita ênfase, procurando atingir tanto os alunos quanto seus familiares, com um trabalho de integração tentando proporcionar melhores condições de aprendizagem dos educandos, visando resgatar os valores que estão deixados de lado em nossa realidade.

A teoria que embasa a linha pedagógica da escola, que está presente no Projeto Político Pedagógico é diversificada, dando a ênfase no construtivismo interacionista, com subsidio em quatro autores: Jean Piaget, Lev Vigotsky, Gardner e Paulo Freire.

Algumas idéias apresentadas dos autores no Projeto Político Pedagógico (2000).

Piaget (1986) aponta quatro fatores básicos e responsáveis pela passagem de um estágio cognitivo para o outro: maturação, interação social, experiência com objetos e a equilíbrio.

Para Piaget (1986) todo indivíduo nasce inteligente, é necessário que seja desenvolvida e desafiada.

Vigotsky (1988), acredita que a vivência é essencial para a transformação do homem. Também defende a idéia de interação da criança com o meio, pois acredita que é através da interação é que ela constrói seu conhecimento tornando-se um ser ativo, atento, que constantemente cria hipóteses sobre o seu meio.

De acordo com a teoria de Gardner (1995) todos nascem com potencial das várias inteligências, portanto, é partindo das relações com o meio, incluindo os estímulos culturais, desenvolvemos algumas e deixamos de aprimorar outras.

Outra teoria abordada foi a “Educação Libertadora” de Paulo Freire (1982), que valoriza a atuação ativa da criança no seu meio, pois a criança precisa ser livre para expressar-se, opinar e construir seu saber.

Cabe então a escola oportunizar instrumentos que desenvolvam a estrutura cognitiva, afetiva e social da criança.

Em relação a avaliação, é realizada da pré-escola a 3ª série por meio de pareceres, da 4ª série a 6ª série é realizada por meio de testes, trabalhos e rendimentos em sala de aula.

3.2 Caracterização da Pesquisa

A metodologia escolhida para esta pesquisa foi o estudo de caso, que realizou-se em uma Escola de Ensino Fundamental, localizada na zona sul da cidade de Caçapava do Sul, cujo tema foi: “Dificuldades de Aprendizagem na Leitura e Escrita”.

O estudo de caso busca retratar a realidade de forma completa e profunda, analisando várias fontes de informações recorridas pelo pesquisador em diferentes momentos e situações.

Outro fator relevante é quanto ao trabalho com pessoas e com relações sociais nos permite perceber as múltiplas realidades existentes, e que estas vão sendo construídos, num processo dialógico, onde interagem entre si e com o contexto, trazendo a tona a visão de pesquisa qualitativa, pois de acordo com Bogdon e Biklen “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (apud Lüdke e André (1986)). O que nos possibilita estabelecer uma nova forma de olhar o mundo vivido.

Para a coleta de dados foram feitas entrevistas semi-estruturadas com 4 (quatro) educadores, diretora, supervisora, dos anos iniciais do ensino fundamental.

As entrevistas (em anexo) foram entregues aos participantes do estudo, onde os mesmos colocassem por escrito sua opinião sobre o tema desenvolvido, por meio de um estudo qualitativo, descritivo.

As entrevistas foram realizadas nos meses de outubro e novembro do ano de 2004.

Segundo Lüdke e André (1986, p 1), para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. Trata-se de reunir o pensamento e a ação de um grupo, no esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções propostas aos seus problemas.

O papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa. É pelo seu trabalho como pesquisador que o conhecimento específico do assunto vai crescer, mas esse trabalho vem carregado e comprometido com todas as peculiaridades do pesquisador, inclusive e principalmente com as suas definições políticas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise dos dados das entrevistas com os educadores

A análise das informações coletadas está baseada nos resultados das entrevistas realizadas com 3 (três) educadoras que atuam com a 1ª série e uma educadora especial que trabalha com sala de apoio.

As educadoras ao serem entrevistadas sobre o que é considerado dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita, responderam:

Educadora A: colocou que é quando o aluno não consegue construir o conhecimento. O professor utiliza várias estratégias, mas o aluno não consegue alcançar os objetivos propostos.

Educadora B; considera dificuldade de aprendizagem quando o aluno não entende o conteúdo, não consegue acompanhar as aulas e que vários fatores são responsáveis pelas dificuldades em aprendizagem. O currículo não atende realmente as questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

Educadora C; respondeu que dificuldade de aprendizagem é quando o aluno apresenta dificuldades em determinadas áreas do conhecimento e que são resultantes de fatores que precisam ser compreendidos, entre eles fatores orgânicos, cognitivos, afetivos-sociais e pedagógicos, sendo que o educador ao observar que o aluno não tem um bom rendimento na aprendizagem deve investigar suas necessidades oportunizando novas estratégias.

A educadora especial que trabalha com a sala de apoio, colocou que muitas vezes as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas à falta de maturidade e atenção da família.

Após analisarmos as respostas das questões, inferimos que as dificuldades de aprendizagem de acordo com a opinião das educadoras, podem ocorrer devido a vários fatores como: afetivo, psicológico, motor e até mesmo falta de maturidade.

Mas tudo isso deve ser trabalhado, e nós educadores devemos fazer da nossa sala de aula, um lugar onde possam acontecer trocas, todos possam opinar, pois juntos certamente conseguiremos o êxito esperado. E esses problemas poderão ser solucionados.

Em relação à segunda questão sobre quais as principais dificuldades evidenciadas em seus educandos no processo de construção do conhecimento da leitura e escrita, responderam:

Educadora A: que no processo de construção do conhecimento da leitura e escrita é o som das letras associadas à palavra.

Educadora B; que às dificuldades que mais encontra na sua sala de aula é a troca de letras “m” por “n”, “s” por “ç”, e os alunos não recebem estímulo em casa.

Educadora C: colocou que as dificuldades encontradas nos seus alunos são noção de espaço, dificuldade de motricidade fina e auto-estima baixa.

Educadora da sala de apoio colocou que as dificuldades mais encontradas nos seus alunos são dicção; troca de letras “f” por “v”, não conseguem passar o que pensam para o papel.

Assim, constatamos que as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita são diversas, necessitando que o educador esteja sempre atento e disponível para a busca de novos métodos, para que o ensino se torne significativo e conseqüentemente estas lacunas possam ser sanadas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem.

A terceira questão perguntava quais as ações que proporciona ao seu aluno visando a superação das dificuldades encontradas na leitura e escrita. Em relação a esta questão responderam:

Educadora A: colocou que procura trabalhar com coisas significativas para ao aluno para contribuir na sua aprendizagem, pois cada criança traz consigo bagagens diferentes e possuem sua individualidade, a qual deve ser respeitada e aproveitada pelo professor.

Educadora B; que para que ocorra uma boa aprendizagem precisaria de aulas bem motivadas, trabalhar assuntos de interesse dos alunos para superar as dificuldades encontradas na leitura e escrita, procurar trabalhar assuntos do dia-a-dia do aluno, historinhas e músicas.

Educadora C: colocou que para superar as dificuldades encontradas, procura realizar atividades que permitam a criança a pensar, dialogar, situações de ensino que incentive os alunos a experimentar e confrontar diversas situações, de forma que possam construir o conhecimento.

Educadora da sala de apoio procura trabalhar com jogos, brincadeiras, atividades grupais, para facilitar a aprendizagem, pois o professor deve estar sempre buscando melhores condições para aprendizagem dos alunos, com um bom planejamento, analisando a realidade de cada aluno.

Educar não é uma tarefa fácil, pois é preciso que o educador esteja voltado para a realidade do educando. Principalmente valorizando o que cada um trás.

Também é importante que o ambiente escolar seja alegre e prazeroso, pois assim o educando estará interessado e atento para o que é desenvolvido em aula.

Em relação ao educador, este precisa buscar aperfeiçoamento constantemente, para acompanhar as inovações sugeridas a todo momento.

Em relação ao papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem as educadoras responderam:

Educadora A: coloca que o papel da escola é buscar junto ao professor alternativas para superar as dificuldades encontradas.

Educadora B: coloca que a escola onde trabalha já oferece uma classe de apoio com uma professora especializada em psicomotricidade e educação especial, professora que trabalha somente com alunos que possuem dificuldades em turno inverso.

Educadora C: o papel da escola é abrir espaços para debates e grupos de estudos para troca de experiências na escola através de reuniões pedagógicas.

Educadora da sala de apoio coloca que cabe a escola analisar todas as situações e condições de seus alunos e de tomar providências junto aos pais e aos órgãos de atendimento para a solução dos problemas.

Evidenciamos que o papel da escola é estar atenta à construção do processo de aprendizagem, a fim de que se possa conhecer as necessidades de seus educandos e assim proporcionar atividades do interesse dos mesmos.

Também é necessário abrir espaços para que todos os profissionais possam debater, opinar sobre estes fatores através de palestras e grupos de estudos, porque educar é caminhar juntos na busca de novos caminhos e novos saberes.

4.2 Análise dos dados das entrevistas com a equipe diretiva

Diante da complexidade e importância da equipe diretiva, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com a Diretora e a Supervisora para coleta de dados sobre dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita.

Em relação à questão o que é considerado dificuldade de aprendizagem, responderam:

Diretora: considera que é quando o educando não consegue alcançar os objetivos propostos após o educador ter usado várias estratégias.

Supervisora: considera que dificuldade de aprendizagem é qualquer obstáculo que o aluno encontra em qualquer área do conhecimento e não consegue superar.

Observamos que as dificuldades de aprendizagem podem acontecer de vários fatores: o meio onde vive, ambiente escolar, etc... Para tanto é preciso que a escola seja o lugar onde estes problemas possam ser superados e o educando desenvolva-se no seu todo.

Sobre a questão quais as principais dificuldades evidenciadas em seus alunos no processo de construção do conhecimento da leitura e escrita, responderam:

Diretora: colocou que é a falta de motivação na sala de aula e a pouca participação dos pais na vida escolar dos seus filhos.

Supervisora considera que a principal dificuldade na construção do conhecimento da leitura e escrita é a falta de estímulo da família.

Observamos que os educadores devem intervir e auxiliar os educandos nas dificuldades encontradas sendo o papel do educador organizar, orientar e acompanhar passo a passo a aprendizagem do educando, tendo a família uma aliada nesse processo, que na concepção das educadoras interfere, e muito, na aprendizagem dos educandos.

Na questão três: quais as ações que proporciona ao seu aluno visando a superação das dificuldades encontradas na leitura e escrita, responderam:

Diretora: para superar as dificuldades o educador deve buscar alternativas de aprendizagem diferenciadas que envolvam todas as inteligências múltiplas.

Supervisora: os educadores devem proporcionar atividades voltadas ao interesse dos educandos através de jogos e brincadeiras realizando um bom planejamento.

Constatamos a necessidade do educador estar voltado para o educando para que assim os mesmos ampliem seus conhecimentos. Mas, é preciso que todos trabalhem em conjunto, enfatizando conteúdos significativos e integrando o trabalho em sala de aula a realidade vivenciada dos educandos.

Sobre a questão qual é o papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem, responderam:

Diretora: considera que o papel da escola é buscar os pais para juntos realizarem um trabalho conjunto, e fazer com que entendam que a escola só terá sucesso com a sua participação.

Supervisora; considera que é preciso buscar novas técnicas e novos recursos para chamar atenção dos educandos.

Observamos que é preciso que os pais participem mais da vida escolar dos seus filhos e que as aulas sejam motivadas.

Educar é trabalhar juntos e a participação da família e as estratégias utilizadas em sala de aula são os fatores principais para o sucesso ou insucesso do educando.

5. CONCLUSÕES

Após o aprofundamento teórico e a coleta de dados por meio das entrevistas com as educadoras e equipe diretiva sobre dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita, podemos afirmar que é um tema muito abrangente, pois envolve todo o processo educativo, dependendo bastante de uma reflexão e consenso de todos envolvidos, ou seja, educadores, pais e educandos. Somente assim poderá chegar-se a possíveis soluções dos problemas.

De acordo com os depoimentos das educadoras, estas procuram fazer com que cada um dos fatores que envolvem os educandos sejam analisados, pois é preciso conhecer cada um, procurando oferecer estratégias que propiciem um desenvolvimento do raciocínio e da criatividade.

Os autores citados no referencial colocam que as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a vários fatores entre eles: fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos.

Conforme as colocações das educadoras, podemos constatar que essas, estão “lutando” para que os educandos sintam-se incentivados e sejam capazes de construir seu próprio conhecimento, e que estão sempre buscando diversas alternativas para promover a aprendizagem.

Na escola, o educador deve estar sempre atento as etapas do desenvolvimento do educando, colocando-se na posição de facilitador da aprendizagem e calcando seu trabalho no respeito mútuo, na confiança e no afeto. Deve estar interessado nos alunos/educandos como seres humanos em

desenvolvimento, procurando oferecer oportunidades que precisam ser despertados com um sentimento de auto-estima, para não resultar em fracassos escolares, promovendo a evasão e repetência.

Para tanto devem estar atentos para avaliar e, descobrir as causas das dificuldades de aprendizagem e as diferentes instâncias nesse processo como: a situação escolar, a dinâmica familiar, os aspectos instrumentais da criança, adaptar o material escolar em função do desenvolvimento intelectual do educando, adequar práticas e metodologias pedagógicas, refletir sobre a ação.

Trabalhar a partir do que os alunos já sabem, pensando o erro como parte de um processo de construção, acreditando e criando condições para que eles percorram o caminho que há pela frente, ampliando as possibilidades de uso da linguagem e adquirindo novos saberes, deve ser uma prática vigente nas escolas.

Diante desses fatores é necessário que o educador entenda a educação como prática social transformadora e que possibilite ao educando ampliação de seus conhecimentos, dando ênfase aos conteúdos significativos e integrando ao trabalho em sala de aula situações problematizadoras.

É importante ressaltar que o trabalho se constrói coletivamente, sem, no entanto, apagar as individualidades e o movimento de integração das várias áreas do saber.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. ***A ciência e a arte de Alfabetização***. São Paulo: Saraiva, 1995.

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 1984.

CITOLER, Silvia D; SANZ, Rolando. **A leitura e a Escrita: professor, Dificuldades na sua aquisição**. In BAUTISTA, Rafael (coord) *Necessidades Educativas Especiais*. Portugal/Lisboa: Dinolivro, 1997. p. 110 - 136

CRUZ, Vitor. **Dificuldades de Aprendizagem. Fundamentos**. Portugal. Porto Editora, 1999.

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a Alfabetização**. São Paulo:Cortez, 1987.

JOSÉ, Elisabete da Assunção & COELHO, Maria Teresa, **Problemas de Aprendizagem**. 12ª edição. São Paulo: Ática, 2001.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em Educação, Abordagens Qualitativas**. São Paulo. EPU, 1986.

MOOJEN, Sônia. **Dificuldades ou Transtornos de Aprendizagem**. In RUBISNTEIN, E (org) *Psicopedagogia: uma prática, diferente estilos*. São Paulo, Casa do psicólogo, 1999.

MORAIS, Antonio Manuel Pamplona. **Distúrbios da Aprendizagem; uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Edicon, 1986.

OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade: um estudo em escolares com dificuldades em leitura e escrita.** Tese de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento de Aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança.** São Paulo: Zahar, 1978.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PATRÍCIO DIAS FERREIRA, Caçapava do Sul, 2000. Aprovado pela 13ª CRE – Bagé.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade Escolar: O Problema Escolar e de Aprendizagem:** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SOARES, M. **As muitas facetas da alfabetização.** In Caderno de Pesquisa. São Paulo: 25 fevereiro, 1985.

VISCA, J, **Psicopedagogia: Novas Contribuições.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZOBOLI, Graziela. **Práticas de Ensino: Subsídios para a Atividade Docente:** Ática, 2000.

7. ANEXOS

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES E EQUIPE DIRETIVA

Este instrumento de pesquisa tem por objetivo investigar as causas das dificuldades da leitura e escrita com vistas a superação das mesmas no processo escolar.

1. Para você, o que é considerado dificuldade de aprendizagem?

2. Quais as principais dificuldades evidenciadas em seus alunos no processo de construção do conhecimento da leitura e escrita?

3. Quais as ações que proporciona ao seu aluno visando a superação das dificuldades encontradas na leitura e escrita?

4. Qual é o papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem?
